

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Luís, Ricardo Coelho

Cosmo (existência)s

<http://hdl.handle.net/11067/6901>

<https://doi.org/10.34628/z9m3-0f89>

Metadados

Data de Publicação 2023

Tipo bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T18:15:05Z com informação proveniente do Repositório

COSMO(EXISTÊNCIA)S

Ricardo Coelho Luís

CITAD – FAA-UL

DOI: <https://doi.org/10.34628/z9m3-0f89>



Figura 1 – cosmo(existência)s ¹

1 Imagem (fotomontagem), narrativa construída a partir da manipulação das seguintes gravuras:

Gravura alegórica da cabana primitiva Vitrúvio por Charles Dominique Joseph Eisen, presente na primeira página da edição francesa, 1755, "Essai sur l'Architecture" de Marc-Antoine Laugier;

Gravura (Acquaforte) por Giovanni Battista Piranesi – "IX/La Rota Gigante", da série "Carceri D'Invenzione" (alguns exemplares das primeiras reproduções pertencem ao Museum Boijmans Van Breuningen, em Roterdão; as placas de cobre pertencem à coleção do Palazzo della Calcografia Nazionale localizado no tardo da Fontana de Trevi, em Roma).

Resumo: Somos atualmente mais capazes de propor sentido e razão do que alguma vez fomos. As simulações de hoje são as realidades do amanhã, o sentido fundador da “existência” reside algures entre o nosso ego e o material que nos constitui. Será progressivamente menos interessante estar do lado da “verdade”; estar certo é atualmente menos necessário do que ser eficiente. Seria útil reencontrar o espaço para a dúvida.

Abstract: We are currently more capable of proposing meaning and reason than we have ever been. Today's simulation are tomorrow's realities, the founding meaning of “existence” resides somewhere between our ego and the material that makes us. Being on the side of truth will become progressively less appealing, as being right is currently less necessary than being efficient. It would be useful to rediscover space for doubt.

Sempre acreditei que para entender totalmente uma entidade teríamos de conhecer tanto o seu passado como as histórias da sua origem. A humanidade procura incessantemente, desde tempos imemoriais, o “princípio”, possivelmente na busca do primeiro Ato de criação.

Suponho que esta cruzada se trave pela vontade do Homem em se perceber e pela curiosidade de compreender o que o rodeia, tentando espreitar por detrás do véu. Muitos se têm debruçado sobre a questão da criação: terá sido esse momento possibilitado pelo sopro divino ou por um átomo primordial?

O ano de 1633 já se encontra no passado; em 390 anos, as leituras de ambas as fações – teologia e astrofísica – sobre este assunto foram-se aproximando e, embora se continuem a desencontrar nas suas diferenças, há um momento em que se encontram na sua semelhança: espaço e tempo não existiam antes deste ponto, a realidade como a percebemos começa nesse momento.

Embora todos já tenhamos testemunhado a maleabilidade do tempo, naquele abraço de despedida demasiado curto ou naquela manhã

nas Finanças, a manipulação efetiva do tempo ainda nos escapa; no entanto, isso não é verdade no que diz respeito ao espaço.

Utilizaremos o mito de Caim e Abel como lente para este período dos Primeiros Homens e para nossa compreensão do “cosmos”.

Enquanto descendentes de Abel, manipulamos espaço desde as primeiras deambulações, criando trilhos, trilhos esses que, percorridos vezes sem conta, criaram um Nexus². Quando a recoleção e o pastoreio findaram, tornámo-nos filhos de Caim, exercendo a nossa visão sobre a Natureza, criando algumas das primeiras paisagens através do domínio da agricultura e da pecuária. Ambos os períodos são importantes para a formulação da consciência de um “Cosmos”. Ainda pastores, percorremos os campos de pés na terra, mas de olhos fugazmente postos no céu, diurno e noturno. Foi dele que recebemos as “regras” da nossa vida, ciclos, orientações e talvez até consciência. No entanto, as características da errância, os perigos e necessidade de cuidar do rebanho não deixavam muito tempo disponível para tais conjeturas. Quando finalmente estabilizamos em pequenos povoamentos, possibilitados pelo domínio do que tínhamos apreendido nas nossas viagens, começamos gradualmente a definir aquilo que se vem a tornar o nosso “olhar” – o *Oculus*³. À medida que transformávamos o nosso entorno, ganhando mais conforto físico, também nos apercebemos de que a agricultura não era a única a dar frutos; das observações feitas entre os cromeleques, enquanto filhos de Abel, floriram então perguntas e dúvidas que necessitavam de resposta, enquanto filhos de Caim.

O que sou? Onde me encontro? Qual é o meu/nosso propósito? - são algumas das perguntas primordiais da Humanidade. Dessas perguntas surgem as primeiras formulações de conceitos, artifícios através dos quais se concebe ou entende uma origem, e que, não sendo nem a ideia nem a realidade, são a medida de uma realidade. Assim, o “eu” e o “entorno” surgem como conceitos primordiais, que, por razão maior,

2 Nexus - Sistema de sistemas, ligação entre marcos, pessoas e eventos, parte resultante de uma cadeia de causalidade efeito.

3 Oculos - do latim *oculōs* - significa o olho, mas em *Lato sensu* uma perspectiva, um olhar, uma visão, uma fantasia, um frame.

são imperfeitos, por em si contemplarem apenas o que a mente vai conseguindo bispar.

Em “O Ego e o Id”, Freud avança na sua teoria psicanalítica definindo Ego (Eu/Realidade) como sendo a parte da mente que faz a mediação entre o consciente e o inconsciente. O Ego é responsável pela mediação do Id (Instintos) e do Superego (Princípios Morais), e é através dele que testamos a realidade e construímos (um)a identidade pessoal, ou seja, que gerimos a nossa autoestima e autoimportância.

No entanto, não será o nosso ego incompatível com as questões associadas à percepção de um cosmos? A simples noção da nossa escala no espaço mostra-nos o quão infinitamente pequenos somos e quão diminuta é a presença do nosso ego. Somos definitivamente irrelevantes.

Mas existe algo de libertador em ser irrelevante; agrada-me a possibilidade de um Ego sem amarras, sem grilhões, essencialmente sem fardos. No entanto, pode ser esta uma opinião passageira. A astrofísica avança que os átomos de cada um de nós podem ser rastreáveis não só ao primeiro momento do “Cosmos”, mas, mais do que isso, às estrelas que nos antecederam. Após a morte de uma estrela, esses mesmos átomos são dispersados pelo “cosmos”, frutos de uma nebulosa planetária ou de uma supernova, gerando novas galáxias, as quais formarão novos planetas, nos quais poderá, ou não, existir vida, completando assim um ciclo, até à vez seguinte.

Todos nós já nos imaginámos, figurativamente ou não, como parte de um todo, seja através dos nossos credos, por características geográficas, comunitárias ou mesmo clubísticas. No entanto, essas pertenças são sempre parciais; por outro lado podemos afirmar que somos todos parte deste “cosmos”, não de maneira contemplativa, mas sim de maneira efetiva. Somos parte de um todo, findável, sim, mas não à nossa escala. Será esta possibilidade, em si, a definição de um momento hierofânico?⁴

4 Termo de Mircea Eliade, que define tudo aquilo que no berço da humanidade pela sua singularidade, fuga à norma ou estranheza suscite medo ou adoração, pertence ao plano do divino. Também é hiefânico tudo o que se consideraria perfeito.

Será que chega saber que se pertence a algo maior? Será aí que reside o nosso assunto enquanto humanidade? Será que chega a admitir que a nossa felicidade advém do sentimento de dever cumprido? Ou da fruição da criação?

De acordo com Marcel Breuer, «... a fantasia não se exprime hoje em dia através de aventuras abstratas do espírito, mas sim pela capacidade de dar ao mundo fantástico da realidade uma ordem particular.» (Marcel Breuer: Buildings and Projects 1921-1961). Seremos, enquanto arquitetos, capazes de imitar o Demiurgo de Platão⁵, desenhando o Mundo, não como o vemos, mas sim como o sentimos? Será esse o desafio, a possibilidade de novas experiências e perspectivas, permitindo que o *anima mundi*⁶ se manifeste por meio do espírito do lugar⁷?

Somos hoje mais capazes de propor sentido e razão do que alguma vez fomos. Aproximamo-nos a um ritmo galopante de uma massificação cultural sem precedentes. No entanto, opiniões, sensibilidades e ideias são as armas de arremesso da extrema polarização de leituras. Embora todos os dados estatísticos nos mostrem que vivemos na melhor sociedade que já existiu, a leitura que nos chega todos os dias não é essa. Nunca estivemos tão expostos como hoje à informação, porém dada a sua manipulação nunca estivemos tão vazios de conteúdo.

Face à nossa insignificância e, sobretudo, à dificuldade em chamar Casa ao vasto cosmos, recai sobre “nós” a responsabilidade de procurar construir espaços que promovam o surgimento de cosmos pessoais. Nestes espaços, a Humanidade pode reinventar-se, possivelmente na simbiose entre *Homo Faber* e *Homo Ludens*⁸.

5 *Demiurgo* em Platão é o possibilitador da organização do cosmos, criador da *Anima mundi* e por consequência o criador do Homem.

6 A definição de pré-socrática de *Anima Mundi* é extensa, neste caso ilustra a presença indissociável do divino de forma imaterial sobre toda a matéria.

7 O *Genius Loci* defendido por Christian Norberg-Schulz define uma abordagem fenomenológica resultante da interação e entre um lugar e identidade(s).

8 *Homo Ludens* (1938), ou “o Homem que joga”, é um livro de Johan Huizinga, Historiador Holandês que tem por tema central a importância do jogo no processo de produção de cultura, de conhecimento e de sociedade.

«No momento em que decidimos jogar, estabelecemos quais são as regras e construí-

A Casa que atualmente habitamos é gerida por três ordens de pensamento, o teológico, o astrofísico e o arquetônico.

O Homem, ao vir a chamar *Casa* ao Cosmos, desde a escala da deriva do incomensurável até ao seu Cosmos pessoal, criará a Cosmo-vivência, que reúne as anteriores ordens de pensamento em rede. Significâncias, significados e sentidos manifestar-se-ão à escala da humanidade como cosmo(existência)s, num devir criativo absolutamente fundador à escala da nossa origem.

mos nossa própria maneira de nos relacionarmos, portanto, um mundo nosso, um espaço nosso e um tempo nosso.» - excerto da entrevista de Francesco Careri, Arquitecto e Professor da Università Roma Tre à Revista risco. (02.2022) sobre Homo Ludens. Homo Faber ou, na sua versão completa, Homo faber ipsius fortunae significa “o homem é o arquitecto do seu destino” ou Homem construtor do mundo.